

1983
Superdívida,

superministro

MARCELLO CERQUEIRA

O país iria ter um superministro para a dívida externa. A informação é do jornalista Jânio de Freitas, responsável pelo "furo" da notícia de que o Presidente voltará a sentir o coração, em sua coluna na "Folha de S. Paulo".

O mais difícil seria encontrar um nome que aceitasse a missão. Sob o nome genérico de renegociador da dívida exigem-se habilidades de prestidigitador: pagar sem ter dinheiro, inspirar confiança sem credibilidade. Uma pessoa muito especial, capaz de empurrar com a barriga mais de cem bilhões de dólares — enfim, um "cara de pau".

Com a dívida é uma bola de neve e se trata de rolar a dita, pensou-se no Zico, que Pelé está aposentado. Embora bem aceita, a idéia foi afastada como impraticável, pois o jogador está na Itália e com o contrato sujeito a chuvas e trovoadas.

O nome do senador Robertó Campos, o teórico do 13º salário, foi recusado porque não se saberia de que lado iria ficar. Seria embaixador do Brasil junto aos credores ou embaixador dos credores junto ao Brasil? Foi, então recusado. Juntamente com Zico, ficou na cerca.

Restaram os nomes do ministro Hélio Beltrão e do prefeito Olavo Setúbal, este reputado um negociador durão; aquele, mais maneiro, mas tinoso.

O homem ficou tão satisfeito com os nomes que nomeou a ambos, recomendando:

— Estudem, façam os contatos com os credores, examinem as alternativas, ponderem bem com o FMI e tragam uma solução que assim não pode ficar.

E a dívida foi desburocratizada, os superministros viajaram, conversa daqui, conversa de lá, e mandaram avisar ao Homem que estavam prontos.

O homem os recebeu imediatamente, estava ansioso, conflava na embaixada:

— Então — perguntou — o que os senhores propõem, qual é a solução?

Os super falaram juntos:

— Moratória.